Fausto Viana, Sergio Ricardo Lessa Ortiz e Juliana Birchal(orgs.)

Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais

Volume XI Edição Especial Peter Brook e Ariane Mnouchkine

ISBN 978-85-7205-283-2 DOI 10.11606/9788572052832

> São Paulo ECA-USP 2024





Organização: Fausto Viana, Sergio Ricardo Lessa Ortiz e Juliana Birchal Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Márcia Moura

Foto da Capa: Detalhe de foto, feita pelo fotógrafo Maurício Alcântara no

Théâtre du Soleil

Catalogação na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem D722

e mais : volume XI : edição especial Peter Brook e Ariane Mnouchkine / organização Fausto Viana, Sérgio Ricardo Lessa Ortiz e Juliana Birchal. - São Paulo : ECA-USP,

2024.

PDF (509 p.): il. color.

ISBN 978-85-7205-283-2 DOI 10.11606/9788572052832

1. Figurino. 2. Cenografia. 3. Teatro. 4. Traje de cena. 5. Brook, Peter. 6. Mnouchkine, Ariane. 7. Théâtre du Soleil. 8. Bouffes du Nord. I. Viana, Fausto. II. Ortiz, Sérgio Ricardo Lessa. III. Birchal, Juliana.

CDD 21. ed. - 792.026

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizamos a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais - Volume XI - Edição Especial Peter Brook e Ariane Mnouchkine. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

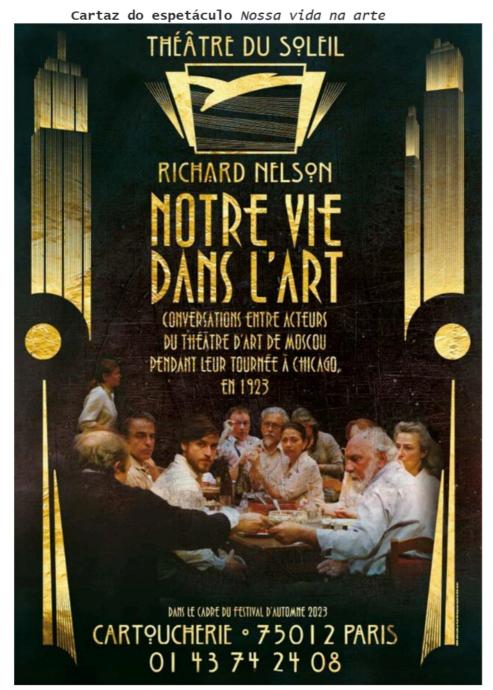
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

Capítulo 11

NOSSA VIDA NA ARTE: FIGURINOS, CENÁRIOS E AS MUDANÇAS QUE... VATICINAM?

Fausto Viana, Juliana Birchal, Sergio Ricardo Lessa Ortiz



Fonte: Site do Théâtre du Soleil.

Não, não gostamos do que lemos quando interpretamos o cenário e os trajes do novo espetáculo da trupe do Théâtre du Soleil, Nossa vida na arte: conversas entre atores do Teatro de Arte de Moscou durante sua turnê em Chicago, Illinois, em 1923. Na verdade, tememos pelo que o espetáculo possa representar para o teatro contemporâneo e tememos por nós mesmos, pelas razões que exporemos a seguir, impulsionados pela visualidade que se apresenta a partir das imagens, revelando que há muito mais de oculto do que aparente.



Visão geral do cenário e trajes de Nossa vida na arte

Fonte: https://booksandideas.net/Stanislavski-s-Century

Começa por Nossa vida na arte e não por Minha vida na arte, a obra autobiográfica do russo Konstantin Stanislavski em que as bases do seu Sistema de interpretação são lançadas de forma mais sistematizada. O trocadilho - não sabemos se chega a tanto - sugere para quem conhece a obra stanislavskiana a fase mais dolorida de sua trajetória: os revolucionários tomaram o poder na velha Rússia, e um período de terror, morte e violência cada vez mais se torna uma realidade. Stanislavski perdeu sua casa no campo e na cidade, transformada em hospedagem de cavalariços ou algo

semelhante do novo governo bolchevique. Em 1921, ele se muda para um antigo palácio do século XVIII, na Rua Leontievsky, bem ao gosto italiano, onde nos foi dito em visita que ele compartilhou o espaço com 60 famílias. Ele e Lilina, sua esposa, receberam três cômodos, incluindo para nossa sorte, o salão de festas, onde ele mesmo construiu um pequeno palco e começou a dar aulas de interpretação. No pequeno espaço, vazio, com duas colunas e tapetes – sublime aflição nos causam tapetes em cena – surgiu o mínimo cenário de Eugene Onegin, que fez uma temporada lá em 1922, período sangrento da história russa.

Sala de jantar da casa de campo de Stanislavski, conhecida por Lyubimovka. Reparar nos tapetes

Foto: autoria desconhecida.

Tapetes são bens móveis - as tapeçarias medievais cumpriam seus papéis de não apenas "aquecer" e valorizar espaços da monarquia, ao mesmo tempo que estampavam os grandes feitos que a mantinha no poder econômico e político. Pelas altas técnicas de confecção que lhes foram aplicadas, os tapetes e tapeçarias se tornaram investimentos valiosos: poderiam ser facilmente retirados e transportados com toda a família em caso de fuga ou mudança - e negociados, em caso de necessidade financeira. Ilustramos: a Família Real portuguesa tinha vários palácios, que ocupava em diferentes fases do

ano. Não era um exercício de vaidade, e sim de segurança: a família em movimento - com louças, criados, tapetes,... - impedia planos de execução criminosa através da análise de uma rotina muito repetitiva. Tapetes, para mim, remetem sim a conforto e aconchego - mas também à fuga, à instabilidade, à impermanência.

Ariane Mnouchkine ama tapetes - são tablados de jogo, são terrenos baldios em que os atores podem se soltar para... Jogar. Ela os usou em Henrique IV (1984), A cidade perjura (1994), Tartufo (1995), Os Efêmeros (2006), Náufragos do Louca Esperança (2010)... Os tapetes do Soleil de Ariane Mnouchkine - mas os que estão na foto são tapetes de Ariane usados por outro diretor dirigindo a companhia do Soleil.



Cena do espetáculo Nossa vida na arte

Fonte: site do Théâtre du Soleil.

Richard Nelson, autor e diretor



Richard Nelson.

Fonte: The NY Times.

A própria Ariane Mnouchkine escreveu na página do Soleil em 02 de outubro de 2023 o seguinte texto:

> O Théâtre du Soleil tem o prazer e o orgulho de anunciar seu próximo espetáculo: Nossa vida na arte, de Richard Nelson. [...] Gostaria de expressar aqui toda a admiração que há muito sinto pela obra de Richard Nelson, um dramaturgo americano reconhecido nos Estados Unidos, cuja notoriedade na França ainda está emergindo, mas cujo trabalho surpreendente não pode mais permanecer confidencial para nós por mais tempo, nem pela sua forma verdadeira e popular nem pelo seu conteúdo cada vez mais comovente. Alguns de vocês já devem ter feito a ligação entre o título da peça e o do livro extremamente famoso de Konstantin Stanislavski: Minha vida na arte¹.

Foram raras as situações em que Ariane permitiu que alguém além dela dirigisse a trupe do Soleil, talvez três. Um deles foi o diretor Robert Lepage, que dirigiu o espetáculo Kanata, em 2018, que gerou questionamentos sobre apropriação cultural.

¹ Disponível em: https://theatre-du-soleil.fr/fr/notre-theatre/lesspectacles/notre-vie-dans-l-art-2023-2450. Acesso em: 1^{Ω} maio 2024.

Ela continua seu editorial, tratando do espetáculo e - naturalmente - de política, como costuma fazer:

O espetáculo, dirigido pelo próprio Richard Nelson, conta a história de um domingo muito especial na vida da trupe do Teatro de Arte de Moscou durante sua turnê pelos Estados Unidos em 1923. Sim, enquanto a Rússia vadeia no sangue do Ucranianos e dos seus próprios soldados e atira o melhor de si nas suas masmorras, Richard Nelson invoca um grupo inesquecível e insuperável de artistas, de seres humanos, dos quais, há um século, a vida foi irremediavelmente distorcida, arruinada, devastada, por um sistema que esperávamos que traria felicidade à humanidade. E que, em poucos meses, havia transformado um imenso sopro popular num laboratório de venenos, contenções e assassinatos (idem).

Stanislavski, com a mudança no poder russo, não foi assassinado como o foram muitos artistas de sua geração porque seria uma provocação muito alta - Elena Vássina comentou uma vez que a comoção popular seria muito forte. Ele também não fugiu como outros o fizeram, porque era idoso, mas resistiu bravamente enquanto todo seu poder artístico no Teatro de Arte de Moscou era retirado. Morreu aos 75 anos, em 1938. Ariane - peço ao leitor que perdoe o mau gosto da comparação - nasceu em 1939, um ano depois da morte de Stanislavski e tem hoje 85 anos. Tem muita força, mas o tempo é feroz.

A escolha do cenário do espetáculo foi feita por Richard Nelson, que optou pelo cenário de arena de *Os Efêmeros*, de 2006 - com duas arquibancadas bifrontais e o espetáculo no centro - coincidentemente (ou não) um dos espetáculos mais naturalistas do Théâtre du Soleil. Representa-se a sala de jantar de uma pensão barata localizada na cidade de Chicago com uma grande mesa onde 11 personagens vão conversar, dançar, cantar, sonhar e... temer. David Rofé-Sarafati escreveu que

A peça nos coloca no meio de uma longa conversa. Uma longa conversa que começou há muito tempo entre amigos que se conhecem bem e que se frequentam há muito tempo. O sistema de palco nos torna convidados auxiliares. [...] E espalhados entre os lábios que comem e proclamam momentos de graça em forma de deliciosas declarações eslavas. Nós os ouvimos falar sobre Tchekhov; buscar entender quem realmente é Lopakine do Pomar das Cerejeiras e através dele questionar o que é legítimo em vigor ou na lei. Eles se provocam, aquelas brincadeiras que a gente saboreia em segredo entre os atores, na alcova dos camarins

e nos bastidores. Eles se preocupam com o impacto econômico das representações. Eles comentam sobre a beleza arquitetônica dos teatros. No final da noite, eles improvisam esquetes. Toda a peça é um deleite para os espectadores de teatro, culminando com uma aula de comédia improvisada do grande Stanislavski.²

Guy-Claude François, cenógrafo do Soleil por longo período e faleceu em 2014 havia explicado em entrevista que os procedimentos de criação de cenários do Soleil mudaram muito:

Isso já foi muito mais longe do que é hoje, porque antes de *Sihanuk* cada espetáculo modificava completamente o espaço. A gente destruía absolutamente tudo e reconstruía em função do espetáculo. Então, tinha essa relação cena-sala, mas era menos clássico. A cenografia de uma certa maneira contribuía muito mais ao jogo dramático. Por exemplo, a ideia de início da cena de *1789* era aquela de um grupo de teatro que narrava a Revolução Francesa. A cenografia, que não era minha mas de Roberto Moscoso, era imaginada como nos teatros de feira. Tinham várias ceninhas dentre as quais os espectadores transitavam. Isso foi o princípio que era interessante no plano dramático, cenográfico e histórico, porque efetivamente acontecia assim³.

Duas fotos nos causam uma reflexão aprofundada quando as comparamos com a montagem de *Nossa vida na arte*. A primeira é de uma leitura de *A gaivota* no Teatro de Arte de Moscou, em que o autor, Tchékhov, lê o texto para a companhia – o procedimento, em princípio, libera os atores para registrarem suas primeiras impressões na criação de um papel, segundo Stanislavski.

² Disponível em: https://cult.news/scenes/au-theatre-de-soleil-notre-vie-dans-lart-de-lamericain-richard-nelson-organise-une-rencontre-avec-stanislavski-et-sa-troupe/. Acesso em: 1^{Ω} maio 2024.

³ Disponível em: http://www.trax.it/olivieropdp/mostranotizie2. asp?num=34&ord=11. Acesso em: 1^{Ω} maio. Tradução de Juliana Birchal.

Tchékhov lê *A gaivota* com O Teatro de Arte de Moscou. Tchékhov lê (centro); à direita dele, Stanislavski (sentado) e a seu lado, Olga Knipper. Maria Lilina está sentada à esquerda de Tchékhov. No lado direito, Meyerhold, sentado. Niemiróvich-Danchenko está em pé do lado esquerdo.



Fonte: Teatro de Arte de Moscou.

Nenhum destes grandes atores da foto sobreviveu para ver a Rússia livre novamente. Meyerhold, tão jovem na foto, seria brutalmente assassinado pelo regime em que ele acreditou no ano de 1940. A gaivota trazia elementos simbólicos muito fortes: o teatro velho, representado por Arkádina, em franca decadência; seu filho, o jovem dramaturgo que não vê perspectiva artística nem mesmo para sobreviver, comete suicídio; a jovem atriz, Nina, que se antes é inspirada e dedicada se deixa corromper e é simbolicamente assassinada – ela, a própria gaivota que morre no lago. Há desesperança por todos os lados. Tchékhov, o dramaturgo, registra que seriam necessários minimamente 100 anos para que se voltasse a ter esperança. E esta é a segunda imagem que me fascina: a cena de A gaivota, antes dos fatos serem consumados na cena final.

A gaivota de Anton Tchékhov, 1898. Sentado em primeiro plano: Vsevolod Meyerhold como Treplev. Atrás dele: Olga Knipper no papel de Arkadina, à sua esquerda, Stanislavski no papel de Gaev.



Fonte: Museu do Teatro de Arte⁴

Na cena do espetáculo de 1898, as pessoas jogam cartas, comem, bebem, conversam sobre amenidades e outros temas que talvez apenas o tempo tenha como resolver. No entanto, há um turbilhão de acontecimentos sendo gerados em segundo plano, exatamente como na montagem com os atores do Soleil de 2023.

O tempo e Tchékhov como personagens

Foto colorizada de Anton Tchékhov (1860-1904)⁵



Fonte: Site Biography.com

⁴ Disponível em: https://blog.alternativestheatrales.be/connaissons-nous-stanislavski/#more-4453. Acesso em: 1° maio 2024.

⁵ Disponível em: https://www.biography.com/authors-writers/anton-chekhov. Acesso em: 1º maio 2024.

Elena Vássina sempre se refere ao tempo como uma das personagens principais na obra de Anton Tchékhov (falecido em 1904, ou seja, 18 anos antes da excursão do Teatro de Arte de Moscou para os Estados Unidos) – não se vê, mas tudo depende dele, da sua passagem, daquilo que ainda vai chegar. Até mesmo pelo modo de redação do texto, assumidamente tchekhoviano de Richard Nelson para este espetáculo, sentimos que este espírito do escritor ronda a reunião dos russos em 1923, à espreita do que vai acontecer, registrando tudo da forma mais natural e orgânica possível. O tempo desgasta os tecidos e os tapetes. O tempo marca as paredes, o piso, o teto e os trajes. Tchékhov vê tudo e registra, mesmo que a mudança seja em 100 anos.

Quando perguntaram a Richard Nelson o porquê dele ter escrito uma peça sobre Stanislavski, ele declarou:

Há um momento importante na minha peça em que Stanislavski tenta dizer, bem no final, por que somos importantes. E ele diz: "o que fazemos como atores? Nós assistimos. Nós olhamos para esta pessoa e aquela pessoa. E numa miríade de gestos reunidos encontramos um ser humano." E ele também diz: "O que fazemos é nos ver nos outros, e os outros em nós mesmos".

O dramaturgo ainda afirma que "essa é a essência do que significa encontrar algo em comum entre os seres humanos", em uma época como a de Stanislavski e a nossa, que busca separar pessoas em caixas,

em silos, em escaninhos, para manter as culturas separadas em vez de combinadas e conectadas, influenciando-se umas às outras... É isso que o teatro faz, isto é o que os atores vivos fazem diante de um público vivo: eles veem a si mesmos e aos outros e os outros em si mesmos. E quão importante é isso num momento em que tanta coisa está acontecendo?(idem)

⁶ Disponível em: https://booksandideas.net/Stanislavski-s-Century. Acesso em: 1° maio 2024.

Os trajes de cena ainda se criam ao longo dos ensaios

Foto dos ensaios de Nossa vida na arte



Fonte: Site do Théâtre du Soleil. Fotos de Vahid Amanpour.

Foto dos ensaios de Nossa vida na arte



Fonte: Site do Théâtre du Soleil. Fotos de Vahid Amanpour.



Foto dos ensaios de Nossa vida na arte

Fonte: Site do Théâtre du Soleil. Fotos de Vahid Amanpour.

Tal como na leitura e na montagem de *A gaivota* de 1898 no Teatro de Arte de Moscou, o palco do Théâtre du Soleil é um solo sagrado para muitos dos atores que estão em cena em *Nossa vida na arte* e que ali se consagraram como intérpretes. Na montagem de Nelson, em que o elenco do Teatro de Arte de Moscou comemora 25 anos de existência, estão representados em cena:

Konstantin Stanislavski (conhecido como Kostia) cercado pela trupe: Olga Knipper Tchékhova (a viúva de Anton Chekhov), Vassili Kachalov (conhecido como Vassia), Nina Litovtseva (conhecida como Ninotchka), Ivan Moskvine (conhecido como Vanya), Piotr Bakshiv (conhecido como Petia), Lydia (conhecida como Lida ou Lidotchka), Macha, Lev Bulgakov e seu companheiro Varvara (conhecido como Varia), sem esquecer Richard Boleslavski. Ou, respectivamente: Maurice Durozier, Hélène Cinque, Duccio Bellugi-Vannuccini, Nirupama Nityanandan, Georges Bigot, Tomaz Nogueira, Clemence Fougea, Judit Jancsò, Augustin Letelier, Shaghayegh Beheshti e Arman Saribekyan⁷.

-

⁷ Disponível em: https://blogs.mediapart.fr/jean-pierre-thibaudat/blog/111223/russie-amerique-france-leur-vie-dans-l-art. Acesso em: 1° maio 2024.

Alguns destes atores, como Maurice Durozier, estão no Soleil há décadas e têm controle do projeto de trabalho do Théâtre du Soleil, sempre capitaneado por Mnouchkine – isso até *Nossa vida na arte*, pelo menos. Nelson deu a seguinte declaração sobre os atores do Soleil envolvidos no projeto:

Não quero generalizar porque os atores com quem trabalhei neste espetáculo pertencem à trupe do Théâtre du Soleil. O que aprecio, como já disse diversas vezes, é que não sei como foram treinados pela Ariane, mas não encontro nenhuma resistência ou bloqueio por parte deles. Eles estão sempre dispostos a isso, sempre dispostos a experimentar todos os tipos de coisas. Eles são inteligentes, ágeis e muito focados. É ótimo trabalhar com um grupo de comediantes assim. Não sei como seria se tivesse que trabalhar com outros atores franceses, mas esta companhia é verdadeiramente fora do comum⁸.

O processo de criação dos trajes, que o leitor encontra nesta edição especial sobre o Théâtre du Soleil e Peter Brook, também pode ser lido em detalhes em: Viana (2020) A criação coletiva e os trajes de cena do Théâtre du Soleil⁹.

Esta combinação de trajes em tons azulados, acinzentados, cumpre seu papel de registrar o desgaste, a passagem do tempo, as incertezas políticas, econômicas e pessoais da trupe de Stanislavski - mas que, nos tempos em que vivemos, nos remetem ao Soleil, às guerras da Ucrânia, da Palestina... Ao seu desgaste, leitor.

Ao **nosso** desgaste na arte.

O fim de uma era?

Vaticinar: verbo transitivo direto; Prever algo com base em fatos, sintomas, etc.; prognosticar, antever. Dicionário Oxford.

Não queremos, de modo algum, apavorar o leitor ao comparar

⁸ Disponível em: https://theatre-du-soleil.fr/fr/a-lire/entretien-avec-richard-nelson-4327. Acesso em: 02 maio 2024.

⁹ Revista Dramaturgias, número 14, 2020.

a cenografia (e os trajes como parte dela) aparentemente tão simples, mas tão repleta de significados, com a cenografia de Kazuo Ohno e seu butô, a dança que ele fazia com os mortos. Cremos que seja possível entender que não se trata da construção física dos dispositivos, mas da percepção extra matéria física, matéria palpável.

Já vimos essa limpeza cênica antes, e também vimos como os críticos teatrais, de maneira geral, analisam cenários em um caso como estes – não foi à toa que encerramos este breve artigo com uma lista dos textos que estão elencados no site do Théâtre du Soleil sobre *Nossa vida na arte*. Por exemplo, Joël Cramesnil, em sua crítica, faz uma análise primorosa do cenário e adereços, relembrando a monumentalidade de espetáculos anteriores do Soleil, como *O tartufo* ou o *ciclo dos Shakespeares*. Alguns dizem uma ou duas palavras sobre os cenários, ou os figurinos. Outros, nada apontam.

É muito interessante esta perspectiva de que como um cenário é "simples", ele independe de elaboração, de um designer ou minimamente de um artista imbuído da função designer. Não falo de processos criativos como os de um Romeo Castelucci, que sabe seu ofício de diretor-cenógrafo muito bem. Falo destes que acreditam que a cenografia é um "trabalho intuitivo", ou "minha pesquisa dispensa este tipo de participação, de um cenógrafo" ou "não existe mais cenografia em espetáculos"; ou "o teatro que eu faço é performativo", esquecendo que isso provoca discussões, mas não exclui o fato de que haverá espaço e trajes.

Brecht atingiu esta limpeza cênica, do mesmo modo que Peter Brook, já em obras tardias de sua vida. Sempre há alguém que destaca que a "limpeza" da cena é uma busca pela valorização da arte do ator: sua voz e talento interpretativo, por exemplo. Mas não: o que estes diretores buscaram foi a valorização da arte teatral, do espaço vazio, do espaço com história. Ambos partiram.

Passamos pela questão da idade física de Ariane. A angústia da passagem do tempo. Um diretor convidado para assumir a trupe. Os atores do Soleil que também dão mostras da passagem do tempo, que inclusive é evidenciada nos cabelos

grisalhos assumidos na cena de *Nossa vida na arte*. A perpétua condição de instabilidade dos artistas. A mudança que foi acontecendo no modo de execução de cenários do Soleil. A simplicidade dos trajes em uma nova maneira de trabalhar teatro.

Pierre Lauret faz um bom apanhado da situação em uma crítica que está publicada no Blog de Cultura do SNES-FSU:

Dizemos também que talvez uma página se feche: a do teatro de arte do século XX, inaugurado por Stanislavski, retomado por Jacques Copeau, Louis Jouvet, Brecht, Giorgio Strehler e muitos outros, incluindo obviamente Ariane Mnouchkine e o Théâtre du Soleil, fundado em 1964. Novas formas de arte teatral já surgiram, outras nascerão. Mas é difícil não sentir uma certa melancolia ao pensar que este encontro de duas trupes lendárias é também um ciclo que se fecha¹⁰.

Desejamos profundamente que ele esteja errado. Que **nós** estejamos.



Foto dos ensaios de Nossa vida na arte

Fonte: Site do Théâtre du Soleil. Fotos de Vahid Amanpour.

¹⁰ Disponível em: https://cultures.blog.snes.edu/publications-editions-culture/culture/actualite-theatrale/notre-vie-dans-lart-conversations-entre-acteurs-du-theatre-dart-de-moscou-pendant-leur-tournee-a-chicago-illinois-en-1923/. Acesso em: 02 mai 2024.

NA IMPRENSA E EM OUTROS LUGARES DA WEB...

Connaissons-nous Stanislavski?

Marie-Christine Autant-Mathieu, Alternatives théâtrales, 7 mars 2024.

Richard Nelson et le Théâtre du Soleil

Joël Cramesnil, Mediapart, 28 décembre 2023.

Les petits riens du grand œuvre

Catherine Robert, L'Officiel des spectacles, 26 décembre 2023.

When Translating a Play Is About More Than Language

Joshua Barone, The New York times, 20 décembre 2023.

Traversée dans l'intimité d'une troupe

Anthony Palou, Le Figaro, 16 décembre 2023.

L'antidote à la morosité du Théâtre du Soleil Joëlle Gayot, Le Monde, 16 décembre 2023.

Russie, Amérique, France : leur vie dans l'art

Jean-Pierre Thibaudat, Mediapart, 11 décembre 2023.

Le dramaturge américain Richard Nelson propose un moment théâtral d'humanité irréductible

Agnès Santi, La Terrasse, 11 décembre 2023.

Une ode à l'humanité au Théâtre du Soleil

Hélène Kuttner, Artistik Rezo, 11 décembre 2023.

Le siècle de Stanislavski, entretien avec Richard Nelson / Stanislavski's Century, an interview with Richard Nelson Julien Le Mauff, La vies des idées, 8 décembre 2023.

Mise en majesté de la complexité des êtres aux prises avec l'existence

Véronique Hotte, Hotello, 8 décembre 2023.

Tout est pire là où il n'y a pas de théâtre Anne Diatkine, Libération, 4 décembre 2023.

Le Soleil brille toujours à la Cartoucherie

Armelle Héliot, La Tribune, 26 novembre 2023.

Richard Nelson met en scène « Notre Vie dans l'Art » ou la fabuleuse aventure du Théâtre d'Art de Moscou Agnès Santi, La Terrasse, 25 octobre 2023.